

# O periódico *Excelsior!* (1911-1916) como ponto de observação do campo de formação de professores

## *The periodic Excelsior! (1911-1916) as an observation's point of the teacher's training field*

Emerson Correia da Silva\*  
Ana Clara Bortoleto Nery\*\*

\*Mestrando em Educação pela UNESP – Marília.  
e-mail: emerzon@ig.com.br

\*\* Doutora em Educação pela USP. Profa. da UNESP - Marília  
e-mail: anacnery@marilia.unesp.br

### Resumo

Propomos para o presente artigo o estudo do periódico *Excelsior!* com o objetivo de apreender os aspectos referentes ao nascente campo de formação de professores em São Carlos e no estado de São Paulo. Com base na materialidade da revista, conceito do autor francês Roger Chartier, discutimos informações sobre o periódico e seus autores, assim como as leituras indicadas como adequadas e suas representações. Buscamos as marcas deixadas pelo periódico produzido pelos alunos da Escola Normal de São Carlos, nos anos de 1911 a 1916, com especial atenção para os aspectos de sua produção, circulação e editoração, destacando-se os dispositivos textuais e tipográficos utilizados como estratégias de conformação dos leitores e das leituras. Deste modo, observamos modos de educar, relações existentes na escola, as principais teorias empregadas e concepções envolvendo o tema democracia no trato do grêmio normalista e a imprensa periódica educacional.

### Palavras-chave

História da formação docente. Imprensa periódica estudantil. grêmio normalista..

### Abstract

We propose the study of the periodic *Excelsior!* to understand the aspects related to the nascent teacher's formation/training field in São Carlos's city and the São Paulo's state. Based on the concept of "materiality", by the french author Roger Chartier, we discuss the information about the periodic, their authors, the readings indicated as appropriate and their representations. We search into the periodic, produced by students of the Escola Normal de São Carlos in the years 1911 to 1916, their marks, with special attention to the aspects of their production, circulation and publishing, with highlights being the textual and typographical devices used as strategies for conformation of the readers and the readings. Thus we seen ways to educate, relations in the school, the main theories and concepts employed involving the theme democracy in the students society called "grêmio normalista" and the periodical educational press.

### Key words

History of teacher training. Periodical student press student. grêmio normalista.

Partindo dos estudos realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília<sup>1</sup>, definimos como objetivo para o presente artigo o estudo do periódico *Excelsior!*, produzido por alunos da Escola Normal de São Carlos, nos anos de 1911 a 1916, com vistas à apreensão de aspectos referentes ao nascente campo de formação de professores em São Carlos/SP, e no estado de São Paulo. Com base na materialidade da revista, discutimos informações sobre o periódico e seus autores (alunas, alunos, professores e funcionários da escola), assim como as leituras indicadas como adequadas e suas representações, provavelmente dirigidas para a formação de um professor ideal para aquele campo. Buscamos as marcas deixadas pelo periódico, com especial atenção para os aspectos de sua produção, circulação e editoração, destacando-se os dispositivos textuais e tipográficos utilizados como estratégias de conformação dos leitores e das leituras.

É bom ressaltar que nossos trabalhos atuais tiveram início com o projeto integrado *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais Brasil e Portugal (1911-1950)*<sup>2</sup> e no projeto de iniciação científica, intitulado *Escritos de alunos: a revista Excelsior!*,<sup>3</sup> que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia apresentado no final de 2006, com o título *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*,<sup>4</sup> que se pautou pelo estudo de sua

materialidade com foco no professor ideal veiculado pelo periódico. A compreensão de tais trabalhos, desenvolvidos nos anos anteriores, foi ampliada e amadurecida graças às leituras e discussões realizadas no curso de mestrado, resultando na proposta apresentada aqui.

Para compreender o período de 1911 a 1916, vivido no campo da formação de professores na cidade de São Carlos/SP, as relações entre alunas, alunos, pais, professores e demais funcionários da Escola, nos voltamos para os aspectos da materialidade da revista que permitem o acesso a informações sobre o cotidiano daquela comunidade e ainda permite discutir informações sobre as leituras (realizadas e indicadas), as imagens e representações criadas a partir de tais leituras e os porquês de tais leituras naquele espaço e momento.

Num âmbito mais geral, observamos modos de educar, relações existentes na escola, técnicas educacionais, principais teorias empregadas e concepções envolvendo a democracia no trato do grêmio normalista e na imprensa periódica educacional. Desse modo, damos especial destaque aos dispositivos textuais e tipográficos utilizados como estratégias de conformação dos leitores e das leituras. Nos dirigimos para os aspectos da produção da revista, considerando principalmente os referentes ao processo de escrita presentes na revista, como linha editorial adotada, tipo de leitor pensado, estratégias para o atendimento a esse leitor.

## Implicações teóricas do trabalho

Na introdução de *História da leitura no mundo ocidental* (2004), Guglielmo Cavallo e Roger Chartier defendem como projeto do livro duas idéias essenciais: a primeira, afirmando que “[...] a leitura não está inscrita no texto sem uma distância pensável entre o sentido atribuído a este último (por seu autor, seu editor, pela crítica, pela tradição, etc. ...) e o uso ou a interpretação que dele pode ser feita por seus leitores” (CAVALLO & CHARTIER, 2004, p. 5); e a segunda reconhecendo “[...] que um texto apenas existe porque há um leitor para dar-lhe significação.” (CAVALLO & CHARTIER, 2004, p. 5). Estes são os primeiros pontos de contato com a nossa posição adotada perante o periódico *Excelsior!*. Sabemos que os textos da revista *Excelsior!* foram escritos pelos alunos da escola, mas o caminho do texto manuscrito, até a sua efetiva impressão no periódico *Excelsior!* é bastante longo, passando (depois do crivo do professor) por editores, revisores, impressores gráficos. (CHARTIER, 1990). Em um outro ponto, quando se trata do sentido dado à revista naquela época, não poderemos atingi-lo plenamente, mas poderemos fazer aproximações a esse sentido. Por diversos modos *Excelsior!* nos dá pistas sobre como era recebida por seus leitores.

Os contrastes entre as competências de leitura são importantes pontos observados. Segundo os mesmos pesquisadores: “Todos aqueles que podem ler os textos não os lêem da mesma forma e, em cada período, é grande a distância entre os grandes letrados e os menos hábeis dos leitores.”

(CAVALLO & CHARTIER, 2004, p. 6). Neste ponto, observamos as diferenças e distâncias entre as competências dos indivíduos atuantes da revista, como professores, diretores da escola, alunas, alunos e convidados de fora da escola.

A partir desses pontos principais, tentamos “reconhecer leituras” como preconiza Chartier (1990), por meio das séries, neste caso uma série de revistas de ensino (sete números de 1911 a 1916), estabelecendo limites e construindo estatísticas. Assim, acreditamos que conseguimos alcançar aspectos que possibilitaram “reconstruir, em suas diferenças e em suas singularidades, as diversas maneiras de ler que caracterizam um campo específico” (CAVALLO & CHARTIER, 2004).

No que diz respeito ao uso do periódico, Marta M. C. de Carvalho apóia o uso do periódico educacional do modo como tentamos realizar aqui, como fonte. Desse modo, o estudo do periódico em sua materialidade é feito pela autora com vistas à apreensão de uma dada realidade. A materialidade do periódico seria um instrumento de investigação no estudo das práticas escolares. Como uma arqueologia<sup>5</sup>, que trata o impresso a ser analisado como objeto cultural que guarda as marcas de sua produção e de seus usos, Marta afirma que

Pondo ênfase nos suportes materiais da produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos, essas investigações abrangem estudos sobre uma pluralidade de impressos de destinação pedagógica: livros didáticos, manuais escolares, imprensa periódica especializada em educação, bibliotecas escolares, coleções dirigidas a

professores, etc. [...] Passam a interessar como objeto, no duplo sentido de objeto da investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas, se quer determinar. A materialidade desses objetos passa a ser o suporte do questionário que orienta o investigador no estudo das práticas que se formalizam nos seus usos escolares. (CARVALHO, 1998, p. 34)

Assim, podemos “Penetrar a caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas; pôr em cena a perspectiva dos agentes educacionais; incorporar categorias de análise [...], e recortar temas [...]” (CARVALHO, 1998, p. 31) como, por exemplo, a leitura e a escrita. Desse modo, “O modelo escolar de educação passa a ser compreendido como construção histórica resultante da intersecção da pluralidade de dispositivos científicos, religiosos, políticos e pedagógicos que definiram a modernidade como sociedade e escolarização” (CARVALHO, 1998, p. 32).

Segundo Barreira e outros (2004), em cujo estudo se preocupa com a utilização do periódico como fonte principal sem tomá-lo como fonte única, pelo contrário, procura entendê-lo a partir da relação com outras fontes e informações da historiografia brasileira,

Eleger periódicos como objeto de estudo permite que o historiador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuravam determinados campos do saber. A análise desses materiais possibilita aprender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural – na intersecção das estratégias do impresso, que visa instaurar uma ordem desejada pela autoridade que o produziu ou permitiu sua

publicação, com a apropriação feita pelos leitores: nesse espaço, percebemos as dependências que os unem e os conflitos que os separaram, detectamos suas alianças e enfrentamentos. (BARREIRA, 2004, p. 402, grifo nosso)

Assim como somente o periódico não é suficiente para a compreensão de um dado histórico, as fontes tradicionais também apresentam limites. Não há uma negação das demais fontes, mas uma crítica e uma proposta, são novos objetos e novos olhares frente à história e à sua escrita. Desse modo, Barreira nos dá pistas sobre como trabalhar com essas fontes, partindo dos “[...] títulos dos livros e seus autores, bem como um estudo da seleção dos artigos e dos temas que foram extraídos dos periódicos [...]” (BARREIRA, 2004, p. 406), podemos saber sobre o projeto pedagógico traçado pela revista, os temas e os autores considerados adequados para serem lidos e/ou estudados pelo professor.

### **O Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” e sua revista, o futuro do campo**

Publicada entre os anos de 1911 e 1916, *Excelsior!* foi uma revista literária e pedagógica que tomava para si o objetivo de estreitamento do vínculo entre alunos da Escola Normal de São Carlos e sociedade são-carlense, além de apoio aos estudos e incentivo à leitura.

Seu ciclo de vida começa no ano de 1911 – ano de criação da Escola Normal de São Carlos – e foi a primeira revista pedagógica publicada pela escola<sup>6</sup>, antes mesmo da Revista da Escola Normal de

São Carlos<sup>7</sup> (1916-1923) publicada sob responsabilidade dos docentes. Em suas páginas eram discutidos assuntos educacionais, incluindo as tendências pedagógicas do momento, as cerimônias ocorridas na escola e os trabalhos desenvolvidos em aula. Também podiam ser lidas crônicas e reproduções de textos de autores renomados da época, poemas, exercícios de aula e notícias de interesse geral.

Entre os autores, além de alunas, alunos e professores (responsáveis pela seleção e revisão dos artigos), encontramos a presença de diretores e do secretário da escola, além de homens de influência da sociedade local, embora nem todos tenham sido identificados por nossa pesquisa. São artigos resultantes de conferências promovidas pela Escola Normal de São Carlos e entidades da sociedade são-carlense, além de encomendas feitas por professores e alunos. Também foram publicadas reproduções de artigos de escritores como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Rui Barbosa.

Quanto aos aspectos tipográficos, a revista tinha diagramação simples com medidas de 27 x 20 cm. As capas com título no alto ao centro, com informações sobre o nome da escola e entidade responsável pela produção da revista, ano, número do exemplar e data. As capas ilustradas – três no total – apresentam a mesma gravura, feita pelo professor de Desenho e Caligrafia, Raphael Falco, da fachada do prédio da Escola Normal de São Carlos e, em primeiro plano, uma escrivinha com livros grossos, pergaminhos e um globo terrestre sobre o móvel.

A parte interna da revista era quase sempre organizada em duas colunas, com variações para os poemas. As divisórias das colunas, bordas e ornamento das laterais de páginas, assim como os cabeçalhos eram clichês comprados em São Paulo. Há também imagens de ramos de flores gravadas nas bordas das páginas, muitas delas se repetem em vários números. Informações acerca dos aspectos tipográficos são importantes para a compreensão da revista como um todo, pois, segundo Chartier (1998, p. 13), os leitores “[...] não se defrontam jamais com textos abstratos, ideais e desprendidos de toda a materialidade: manejam ou percebem objetos e formas cujas estruturas e modalidades governam a leitura”.

A distribuição do periódico era gratuita para os alunos da Escola Normal de São Carlos – todos sócios do grêmio normalista – e não há informações sobre vendas ou assinaturas para pessoas externas a essa organização. Sobre a circulação da revista temos poucos indícios, mas sabemos que, além de circular em toda a Escola Normal de São Carlos e sociedade local, chegava a alcançar outras cidades do estado de São Paulo e até mesmo fora.<sup>8</sup> Não há, em nenhum dos exemplares, explicitação sobre a tiragem da revista.

O Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” foi o responsável pela publicação da revista *Excelsior!* desde sua criação, também em 1911. Ambos surgiram da iniciativa do diretor da escola João Chrysostomo. De acordo com a “Acta da fundação do ‘Grêmio Normalista 22 de Março’ e da eleição da directoria provisoria”, redigida pelos

alunos Luiz de Arruda Camargo e Architiclino dos Santos,<sup>9</sup> por determinação do diretor da escola, no dia 27 de março de 1911, ou seja, cinco dias após o início das aulas, todos os alunos reuniram-se com a finalidade da fundação de um grêmio literário e pedagógico a fim de “[...] exercitar-se na arte da palavra elaborando trabalhos litterarios e pedagógicos [...] [e] estreitar nos alumnos o vinculo de solidariedade e participação na sociedade” (CAMARGO, L, & SANTOS, 1911, p. 6).

O diretor propôs ainda que o grêmio normalista em fundação seguisse o modelo estatutário do Grêmio da Escola Normal da Capital,<sup>10</sup> tendo sido realizada a leitura dos títulos I a VI do estatuto da escola da Capital e logo depois abertos à votação “[...] sendo plenamente aprovados.” (CAMARGO, L, & SANTOS, 1911, p. 6). O diretor chamou atenção especial para o artigo 3º do título II: “Para ser admittido socio é necessario ser alumno matriculado em o curso secundario da Escola Normal ou ser por ella diplomado” (CAMARGO, L, & SANTOS, 1911, p. 6), ressaltou ainda, segundo consta na ata, “Disse Sua Exa. que tambem era de seu parecer que, a nenhuma pessoa que não seja ou não tenha sido alumna desta Escola, deve ser permittido associar-se ao Gremio então fundado” (CAMARGO, L, & SANTOS, 1911, p. 6).

Verificamos não apenas a diretoria da escola atuando no grêmio normalista, mas também a Diretoria Geral da Instrução Pública, fato indicado pelo financiamento da revista mantido inicialmente por meio da Diretoria Geral da Instrução Pública (PIROLLA, 1988, p. 53), e pela fala de João

Chrysostomo, depois de aprovada a criação do grêmio em votação por maioria,

Sua Exa. [o diretor] a dirigir-se aos sócios, externando-lhes o contentamento que lhe ia n'alma por ter conseguido satisfazer um desejo do Dr. Inspetor Geral do Ensino, desejo que também era seu, fundando, em sua Escola, um Gremio litterario e pedagogico.<sup>11</sup> (CAMARGO, L, & SANTOS, 1911, p. 6).

De posse dessas informações, constatamos João Chrysostomo atuando diretamente na assembléia de criação do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”, presidindo a reunião, propondo um modelo de estatuto e atentando para aspectos por ele considerados, mais importantes. Chrysostomo defendeu a permissão de participação no grêmio normalista apenas aos alunos matriculados no curso secundário da escola normal ou diplomados pela mesma instituição. Assim, o diretor “protegeu” o grêmio de qualquer elemento externo ao campo normalista secundário e abriu a possibilidade de entrada para diplomados, o no caso, para os professores da Escola Normal São Carlos e ele mesmo. João Chrysostomo parece seguir orientações oficiais sobre a constituição do Grêmio e sua atuação, bem como sobre a publicação do periódico. Vale ressaltar que, em novembro de 1911, ele será o próximo Diretor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo, ocasião em que deixa a Escola Normal Secundária de São Carlos e o cargo de diretor desta é ocupado interinamente pelo Professor Antônio Firmino Proença.

Observamos também a participação indireta da Diretoria Geral da Instrução Pública, que aparenta grande interesse na

instituição do grêmio normalista e com certa urgência em seu estabelecimento, uma vez que, logo nos primeiros dias da instalação da escola, já estava criado o grêmio literário e pedagógico. São fatores que denotam o interesse e a importância dedicados às alunas e alunos, futuras professoras e dirigentes da educação, assim como à tentativa de controlar e tutelar sua formação. Durante a primeira assembléia, João Chrysostomo fez questão de exprimir seus pareceres e opiniões, colocando sempre em primeiro lugar a função do grêmio para a elevação da classe e da imagem do professor – à qual mais tarde todos os presentes iriam pertencer – e o desenvolvimento do vínculo de solidariedade e participação na sociedade.

Esta forma de dirigir, de maneira a conformar, aconselhar e direcionar, de certa forma se distanciava dos ideais divulgados pelos jovens recém-chegados à escola, que se definiam, como uma “[...] mocidade ardente e cheia de idealismos alcandorados, mocidade que, no ardor do seu entusiasmo, não se percebe da pobreza dos seus recursos de acção” (A REDACÇÃO, 1911, p. 5). Aventureiros, como denotado já na escolha do título da revista, inspirado na balada *The banner*, de Henry Wadsworth Longfellow.

Comentando a balada, os alunos ressaltam: “O mancebo da ballada traz nas mãos uma bandeira: a bandeira é um símbolo, é a forma tangível de um ideal” (A REDACÇÃO, 1911, p. 5). Parece ser esse o sentido idealista e aventureiro, que pretendiam imprimir em sua revista, livre, destemido e arrojado, o que a princípio difere

dos ideais da diretoria da escola, empenhada em imprimir nos alunos o sentido de comportamento exemplar, civismo e responsabilidade para com a família e sociedade são-carlense.

Com a análise do periódico em seu todo, temos uma visão mais completa de todo seu ciclo e das diferentes fases pelas quais passou para questionar suas formas de organização e os possíveis embates ocorridos e movimentações dentro daquele campo, assim como os ideais divulgados.

### ***Excelsior!* (1911-1916) um breve ciclo: republicanismo tutelado**

A revista foi publicada com periodicidade variável: do primeiro para o segundo número passaram pouco mais de 3 meses; do segundo para o terceiro, 11 meses; do terceiro para o quarto, 8 meses; do quarto para o quinto, menos de 1 mês; do quinto para o sexto, 10 meses; do sexto para o sétimo, 24 meses.

A idéia inicial referente à periodicidade era de publicar os números em datas comemorativas, como foi o caso dos números 1 (15/11/1911), 2 (22/3/1912), 5 (15/11/1913) e 7 (7/9/1916) relacionados às datas da Proclamação da República, aniversário da Escola Normal de São Carlos e Independência do Brasil, respectivamente.

Outra informação que devemos pontuar se refere à alternância entre as tipografias em que a revista foi impressa. Essa alternância ocorreu provavelmente por motivos de redução de custos na sua produção. O número de páginas por edição também variou, apresentando um decrés-

cimo até sua extinção. A média foi de aproximadamente 19 páginas por número, sendo que os primeiros números contam com aproximadamente 26 e 22 páginas, decrescendo a 15 páginas na publicação de 1916.

Foram publicadas fotografias – estilo medalhão em sua maioria – nos três primeiros números da revista. Imagens do governador do estado de São Paulo, Albuquerque Lins; do Secretário do Interior, Carlos Guimarães; do Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson; dos diretores, dos lentes<sup>12</sup>, e dos professores da Escola Normal de São Carlos, além de fotos dos alunos componentes do grêmio normalista e das turmas de alunos, divididas em seção masculina e feminina. A ordem de publicação era a mesma descrita acima, primeiras páginas para o governador, diretor da instrução pública, até chegar às últimas com fotos das seções masculina e feminina de alunos. Também há uma ilustração do professor de Caligrafia e Desenho Raphael Falco no exemplar de número 3, em referência ao título da revista. No mesmo caminho demonstrado pela diminuição do número de páginas e alternância de tipografias, houve um decréscimo na publicação de fotografias, não havendo mais a publicação, já a partir do terceiro número.

Quanto aos autores – na busca de explicitar as relações entre eles, seus posicionamentos e modos de atuação na revista –, buscamos primeiramente a sua identificação. Para tanto, verificamos as assinaturas nos artigos e sumários. Quando não identificados, realizamos a leitura do artigo em busca de pistas sobre o autor, procurando descobrir sua origem.

Entre os alunos identificados verificamos um total de, pelo menos, 47 autores diferentes. Há um número grande de autores distribuídos em relação ao número de artigos publicados por alunos, 85 artigos no total, resultando em uma média menor que 2 textos por aluno. Um pouco mais da metade dos alunos autores, 25, publicaram apenas um artigo.

Entre os que mais se destacaram em termos quantitativos, e estes foram poucos, estão Haidéa Aracy de Arruda com quatro artigos, Architiclino dos Santos, Argemiro Pacheco, Benedicto Simões da Rocha, Jacy M. de Oliveira Penteado e Walinda da Cunha Vieira, com 3 artigos cada um. Um ponto importante a ser observado é a quantidade de artigos assinados por “a redacção”, num total de 9. Aquele que assinava pela redacção era sempre um aluno (rapaz) e poderia ser o presidente do grêmio normalista ou o redator da revista. Entre os textos considerados estão os editoriais, assim como as sessões de notícias. Em alguns casos, os editoriais estavam assinados, portanto identificados e contabilizados para o autor reconhecido.

Observamos também quais foram os demais autores que pertenciam à Escola: 4 professores, João Lourenço Rodrigues, Mario Natividade, Theodoro de Moraes e Roldão Lopes de Barros<sup>13</sup>; 1 diretor, Antônio Firmino Proença (lente da cadeira de Métodos e Processos de Ensino, Crítica Pedagógica e Exercícios de Ensino e dirigiu a escola interinamente) e 1 funcionário, José de Camargo, que acumulava os cargos de secretário e bibliotecário. Foram, portanto, 6 autores responsáveis por 9 artigos identi-

ficados no total. Um número muito menor do que o número de alunos observado, sendo que 3 destes publicaram em 2 oportunidades.

Essa quantidade tão menor em relação à quantidade de artigos dos alunos deve ser observada com precaução. Os artigos dessa categoria estão dispersos com uma média de 1,3 artigo por número, mas sua maioria foi publicada entre as primeiras páginas de cada número e com maior quantidade de páginas, portanto, procuravam garantir sua leitura já de início, com maior visibilidade e quantidade de páginas.

Entre os textos publicados havia reproduções de textos e frases de autores brasileiros, como Aluísio de Azevedo (1857-1913), Euclides da Cunha (1866-1909), Machado de Assis (1839-1908), Raimundo Corrêa (1859-1911), Rio Branco (1845-1912) e Rui Barbosa (1849-1923). Também verificamos a presença de frases de filósofos e escritores gregos, Platão (427-347 A.C.), Eurípidés (480-406 A.C.) e filósofos modernos, Descartes (1596-1650), Pascal (1623-1662) e ainda o texto inspirador do nome da revista, o poema *Excelsior!* de Henry Longfellow (1807-1882). Estes nomes nos dão uma idéia dos interesses expressados na revista, dos gostos e escolhas editoriais, daqueles textos considerados importantes e pertinentes. Notamos que entre os autores, poucos foram contemporâneos aos alunos, muitos desses autores faleceram até a década de 1920 e tiveram o auge de sua produção em meados do século XIX. O peso político dos republicanos de maior representatividade do final do século XIX e início do XX, como Rui Barbosa, Barão do Rio

Branco e aliados, é hegemônico na revista. Percebemos a publicação de autores como Euclides da Cunha, grande admirador e apadrinhado do Barão, em pequenos artigos de teor nacionalista. Da mesma forma aparecem as demais reproduções. São pontos que demonstram um teor político não explícito da revista.

No total de reproduções publicadas, observamos 18 autores com um total de 20 reproduções. Consideramos que essa seja a faceta literária, e também política, da revista, junto com os poemas publicados por alunos e professores. A pequena incidência de artigos relacionados à educação, pedagogia etc., não significa que tais saberes eram desprivilegiados. Na verdade, tais assuntos não apareciam na forma de reproduções, mas na escrita e comentários dos autores. As reproduções apresentam um “retrato” dos interesses mais ligados à literatura e menos aos interesses didático-pedagógicos.

Para os demais autores, nem todos puderam ser identificados. Em alguns casos, só foi possível identificar alguns aspectos, como o nome ou ocupação sem identificação de sua origem, se morador da cidade de São Carlos ou atuante no campo normalista. Os colaboradores externos não identificados foram ao todo 6, com 6 textos publicados, acreditamos que esses autores sejam da sociedade são-carlense.

Acreditamos ter relacionado os grupos mais representativos da revista *Excelsior!*. Entre os autores, verificamos a seguinte proporção: os alunos autores foram 47, com 85 textos publicados; professores, diretores e funcionários da escola

foram 6, com 9 textos publicados. São textos escritos exclusivamente para a revista *Excelsior!*, com exceção da transcrição do discurso do professor Roldão Lopes de Barros feito para ser lido na Escola Normal da Capital, mas também dirigido para os alunos; por fim, as reproduções publicadas foram 18 autores, com 20 artigos publicados.

### **Considerações finais**

Por meio do periódico *Excelsior!* conseguimos captar aspectos importantes do campo de formação de professores entre os anos de 1911 a 1916. Demonstramos o empenho por parte de todos da escola em produzir um periódico dirigido aos alunos e comunidade, produzindo uma revista com diagramação simples, muitos ornamentos e fotografias no intuito de tornar a leitura acessível e até mesmo dirigida. Nessa época, a produção de um periódico foi tida como de grande importância, fato verificado na participação não somente de professores e cidadãos são-carlenses como também do próprio diretor da escola e do diretor geral da Instrução Pública.

A partir de nossa pesquisa, verifica-se que a maior parte de autores, assim como a maior quantidade de artigos, são assinados por alunos. O grupo de professores, diretores e funcionários da escola é o menor grupo, estando entre eles apenas um diretor e um funcionário. Temos, então, de acordo com esta verificação, a constatação da grande participação dos alunos. Uma constatação que deve ser feita com cautela considerando a quantidade de páginas

dos artigos escritos pelo diretor, por professores e funcionários, assim como sua posição na revista e atuação dos professores nas escolhas e decisões editoriais da revista.

A extensão dos artigos do grupo de professores e funcionários era muito maior em relação ao dos alunos, seus artigos saíam com até seis páginas. Já os escritos dos alunos raramente chegavam a duas páginas. Quanto ao posicionamento dos artigos, entre os 9 textos publicados pelo grupo de professores, diretores e funcionários da escola, (poderíamos considerar também os 7 convidados) a grande maioria se localiza entre as primeiras páginas da revista, logo após o editorial. O que verificamos em seguida, com a leitura dos artigos subsequentes, é a predominância e recorrência dos assuntos abordados em tais artigos, até mesmo nos editoriais, fazendo referência e convidando os leitores a se atentarem nos artigos dos professores. A partir desses artigos, ocorre a repetição dos temas de forma sintética – uma página ou apenas uma coluna – na reescrita dos alunos. Temos então um periódico formatado para um público específico que já tinha sua importância no campo de formação de professores, tratados como o futuro do campo, encarregados de levarem adiante os ideais educacionais aprendidos naquela escola.

O patriotismo e o republicanismo estavam presentes em toda a parte literária do periódico, eles deveriam servir de exemplo para os alunos. Personalidades como Rui Barbosa, Rio Branco e Euclides da Cunha, além de fotos de políticos e representantes da educação paulista eram comuns. Tal hegemonia republicana, vinda

a reboque com as imagens dos políticos da época, colocados nos primeiros lugares, cheios de comentários elogiosos e agradecimentos, expressam a necessidade de defender o republicanismo frente às críticas sofridas pelo novo regime, já passadas mais de duas décadas de sua instauração. A propagação do nacionalismo se fazia necessária em um momento em que a política de imigração do país já estava sendo questionada com as primeiras greves promovidas por trabalhadores italianos. Um outro ponto a ser destacado, concernente às críticas recebidas pela escola republicana, deve-se aos altos custos de sua implantação, atendendo a uma parcela pequena da sociedade. A própria revista surge como um mecanismo para firmar a imagem da escola perante a sociedade, a publicação do periódico em datas comemorativas da república ajudava a aproximar e mostrar a Escola Normal de São Carlos imbuída de um simbolismo de modernidade e respeitabilidade.

## Notas

<sup>1</sup> Em andamento com bolsa de Mestrado MS-1, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Proc. n. 2006/05139-3.

<sup>2</sup> Sob coordenação de Ana Clara Bortoleto Nery, com auxílio FAPESP.

<sup>3</sup> Desenvolvido por Emerson Correia da Silva, com bolsa FAPESP-IC entre os anos de 2005 e 2006.

<sup>4</sup> Trabalho premiado pela Fundação PRÓ-MEMÓRIA de São Carlos-SP, a ser publicado pela Editora Rima.

<sup>5</sup> Termo de Roger Chartier “arqueologia dos objetos em sua materialidade” (1990).

<sup>6</sup> As revistas publicadas pela Escola Normal de São Carlos e datas de primeira publicação foram as se-

guintes: *Excelsior!*, em 1911; *Revista da Escola Normal de São Carlos e O Estudo*, em 1916; *O Raio Verde*, em 1917; *O Sorriso*, em 1928; *O Normalista*, em 1929; *O Paulista*, em 1933; *Sociologia*, em 1936; *Anuário*, em 1939; *Suplemento Estudantino*, em 1940; *Boletim do Clube de Sociologia e História do Brasil*, em 1941; *O Estudante*, em 1963; *O fenômeno*, *O atletário*, e *O Pernilongo*, em 1972; e *O Curioso*, em 1973.

<sup>7</sup> O periódico publicado entre os anos de 1916 a 1923 foi estudado pela bolsista (FAPESP-IC) Jaqueline R. Ozelin, integrante do projeto integrado *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais Brasil e Portugal (1911-1950)*.

<sup>8</sup> *Excelsior!* era permutada com as revistas: *Estímulo*, do Grêmio Normalista “Dois de Agosto” da Capital; e *Mentor*, do Grêmio Normalista de Piracicaba. Ainda há informações sobre distribuição para o Grêmio Normalista de Guaratinguetá, “12 de Outubro” da Escola de Pharmacia da Capital, “11 de Abril” da Escola Normal de Guaratinguetá, e “16 de Maio” de Botucatu.

<sup>9</sup> Respectivamente, presidente e secretário interinos do grêmio, nomeados no momento de sua criação.

<sup>10</sup> Documento ao qual não tivemos acesso; as informações aqui relatadas foram extraídas da revista *Excelsior!*

<sup>11</sup> Segundo Monarcha, partindo do Diretor Geral da Instrução Pública, os inspetores, juntamente com os diretores das escolas, cumpriam a função de mobilizar as gerações mais novas em torno de ideais comuns, por meio da promoção de cerimônias que incentivavam os alunos a partilharem de uma identificação social comum. (Cf. MONARCHA, 1999, p. 233)

<sup>12</sup> “Os professores eram denominados “lentes” e entre esses havia os “catedráticos”, para as áreas nobres – ciências, letras e línguas – e os professores para as matérias auxiliares – desenho, música, ginástica e trabalhos manuais”. (NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 50).

<sup>13</sup> O texto de Barros é uma transcrição de um discurso proferido como paraninfo da turma de professorandos da Escola Normal Primária da Capital. Embora tenha sido publicado por um aluno, relacionamos o texto entre os de autoria de professores.

## Referências

- A REDACÇÃO. Editorial. Excelsior! (Escola Normal de S. Carlos), [s.l.: s.n.], n.1, p. 5-5, nov. 1911.
- BARREIRA, Luiz Carlos et al. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). Educação, memória, história: Possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- CAMARGO, Luiz de Arruda; SANTOS, Architilino dos. Acta da fundação do "Gremio Normalista 22 de Março" e da eleição da directoria provisória. EXCELSIOR! (Escola Normal de S. Carlos). [S.l.: s.n.], n. 1, nov. p. 6-6, 1911.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (Orgs.). Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1998.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- \_\_\_\_\_. A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2.ed, Brasília: UNB, 1998.
- \_\_\_\_\_; CAVALLO, Guglielmo. História da leitura no mundo ocidental 1. Ática, 2004.
- MONARCHA, Carlos. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- NERY, Ana Clara Bortoleto; SILVA, Emerson Correia da. Associativismo Discente nas Escolas Normais do Brasil e de Portugal. Revista Educação e Cidadania. Campinas, SP: Átomo e Alínea, v. 5, p. 25-37, 2006.
- SILVA, Emerson Correia da. O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da escola normal de São Carlos. São Carlos, SP: Rima Editora. (no prelo).

**Recebido em 6 de março de 2008.**

**Aprovado para publicação em 5 de maio de 2008.**